

RESENHA

SLOTERDIJK, Peter. *Die Reue des Prometheus: Von der Gabe des Feuers zur globalen Brandstiftung*. Berlim: Surkamp, 2023, 80p.

Geraldo Barbosa Neto¹

orcid.org/0000-0002-4768-6586

Peter Sloterdijk é um dos mais importantes filósofos e teóricos culturais da Alemanha e teve uma grande influência na filosofia e cultura europeias no século XXI. Seu trabalho é caracterizado por uma abordagem abrangente e interdisciplinar da filosofia. Em seu trabalho, Sloterdijk lança um olhar crítico sobre os conceitos e ideias filosóficos tradicionais e formula visões inovadoras, informadas por uma compreensão profunda da natureza e cultura humanas (PETER SLOTERDIJK UND DAS GLÜCK. Podcast, Tradução Nossa).

Assim o ChatGPT respondeu para Maike van den Boom, palestrante e consultora alemã, quando ela lhe perguntou acerca do significado de Peter Sloterdijk. Após examinar esse texto do ChatGPT, penso que ele é capaz de apresentar sucintamente Peter Sloterdijk (Karlsruhe, 1947), autor de *Die Reue des Prometheus (O arrependimento de Prometeu)*, livro publicado em abril deste ano. É este o livro que está sendo resenhado aqui. Ademais, pode-se complementar a apresentação desse autor com as informações de que ele é filósofo, historiador e, também, estudou literatura alemã. Os brasileiros estão começando a conhecer sua obra. Posto que com sua obra seja possível encher uma estante com mais de 50 livros, ele tem integrado aquela classe de pensadores que são mais criticados do que lidos, que são mais envolvidos em rumores e estereótipos do que em estudos detidos e sérios. Suas obras mais conhecidas são *Crítica da Razão Cínica*, *Regras para o Parque Humano* e sua trilogia *Esferas*. Ele está entre os mais relevantes pensadores da Alemanha e da filosofia contemporânea. O livro *Die Reue des Prometheus (O Arrependimento de Prometeu)* é sua mais recente publicação.

¹ Docente do Departamento de Ciências Humanas, *Campus V*, Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Licenciado em História, Mestre e Doutor em História Social pelo Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Pesquisa temáticas relacionadas à ciência em uma perspectiva interdisciplinar, abrangendo os campos da Filosofia, da História e da Sociologia das Ciências e das Tecnologias, bem como na área de Ensino de História. E-mail: gbnetoindependente@hotmail.com

O tema do livro é a utilização do fogo pelo homem. É árduo dar a conhecer a abordagem deste autor. Ele trabalha sempre de forma transdisciplinar. Contudo, sua abordagem parece se aproximar de uma antropologia energética, do papel desempenhado pelo fogo no metabolismo do homem em relação à natureza. Seu objetivo é explicitar como a modernidade foi erigida por incendiários que atearam fogo na floresta subterrânea (carvão e combustíveis fósseis) e propor um pacifismo energético capaz de impedir uma *ekpyrosis* (o fim do mundo pelo fogo). Nesse livro você não encontrará nenhum dos mantras que estão sendo entoados repetidamente na literatura ecológica. Percorrerá seu olhar por formulações inovadoras, por interpretações originais, tal como por proposições controversas e até mesmo utópicas.

No primeiro capítulo, o pensador alemão trata acerca do metabolismo com a natureza. Nele, Sloterdijk mostra como a proposição marxista da centralidade do trabalho humano como mediador do processo entre o homem e a natureza é insuficiente para a compreensão desse fenômeno. Essa proposição considera apenas ações humanas corpóreas, ao passo que, para descrevermos de modo mais amplo o processo entre o homem e a natureza, agentes extracorpóreos também deveriam ser considerados. Um agente extracorpóreo fundamental para esse processo foi o fogo. A título de exemplo, foi o fogo que possibilitou aos nossos ancestrais mais longínquos o aquecimento, o cozimento e até mesmo os primeiros impulsos religiosos.

No segundo capítulo, Sloterdijk aborda a questão do trabalho escravo e do trabalho em geral. Descreve como o trabalho escravo foi historicamente instituído como a principal fonte energético-muscular de nossas primeiras construções políticas estatais, inaugurando uma era de sociedades escravistas. Os escravizados amiúde foram convertidos em “ajudantes pirotécnicos” – expressão do autor – que trabalhavam com lareiras, fogões, padarias, forjas, manufaturas metalúrgicas e fornos de cerâmica.

No terceiro capítulo, Sloterdijk trata acerca do mito da liberdade e a civilização pirotécnica. O filósofo estabelece como marcos da emergência do “trabalho livre” o advento das cidades medievais, das manufaturas no início da modernidade e das fábricas no século XVIII. Segundo ele, os inovadores motores de combustão interna constituíram um divisor de águas entre o emergente mundo industrial e os mundos da agricultura dominante, do artesanato diversificado e da manufatura marginal. Estabeleceu-se, ademais, um marco de transformação energético. Árvores que só podiam ser cortadas para queimar seus troncos uma vez e cuja regeneração era lenta, não podiam sustentar as vorazes câmaras de combustão das máquinas

que impulsionavam a industrialização. Em razão disso, essas câmaras de combustão passaram a ser alimentadas pelo carvão haurido das profundezas da terra. A era industrial também foi a era das carvoarias. Mais tarde, desde o início do século XX, a fonte energética que moveu nossas sociedades passou a ser cada vez mais o petróleo. Tais fenômenos marcam também a emissão de partículas de CO² na atmosfera terrestre cujo excesso nos legou o que hoje designamos por mudança climática. É desse fenômeno que nasce o título do livro em resenha. Quando o titã Prometeu nos trouxe o fogo, ele não poderia prever que essa dádiva tomaria proporções gigantescas com potencial para consumir o mundo. Daí seu arrependimento.

O quarto capítulo aborda o mundo moderno e a mudança na exploração. Sloterdijk discorre acerca dos trabalhadores e dos ociosos. Descreve como era a pirâmide social na virada do século XIX. O pensador alemão aborda, ademais, como a prosperidade da época criou as condições de possibilidade para que tivessem ensejo os abolicionismos, a liberdade e a autonomia. Nesse ponto ele parece dialogar com Rolf Peter Sieferle (2001), para quem a análise das formas históricas de fornecimento de energia é fundamental para a compreensão das diferentes formações sociais, tal como com Pierre Charbonier (2021), para quem o significado moderno de liberdade é determinado a partir de fatores econômicos e ecológicos. Em suma, a mudança de exploração no mundo moderno designa uma concepção emergida do primeiro socialismo, que consiste em um deslocamento da exploração do homem pelo homem para uma exploração da natureza pelo homem com vistas à melhoria das condições humanas. Aqui ele desvela que nas raízes do pensamento de onde florescerá o marxismo também se tinha uma compreensão da relação entre o homem e a natureza que nos colocava no caminho para o Antropoceno, tal como fez o pensamento liberal-capitalista.

No quinto e último capítulo, diferentes poderes, diferentes fogos é o tema. Nele, Sloterdijk assinala que estamos vivendo em um período de múltiplas crises que fluem a partir dos efeitos cumulativos da exploração irracional de energias fósseis. Ele mostra como é difícil renunciar à prosperidade material, ainda mais considerando que está articulada com ela uma dinâmica social na qual diferentes grupos sociais conquistaram mais liberdade e autonomia. Além disso, trata acerca da questão das energias renováveis a partir de algumas propostas peculiares e utópicas. Pensa as possibilidades de uma virada na direção de formas pacifistas de produção de energia. Propõe diferentes formas de planejamento urbano que se despeçam das estruturas hipermetropolitanas. Propõe o que chama de helvetização do planeta – o

planejamento de estruturas urbanas menores, autossustentáveis e demograficamente viáveis. Escreve Sloterdijk que quem provocou a transição para o Antropoceno foi a elite incendiária da Europa do final do século XVIII, depois a dos Estados Unidos, com a criação de uma rede global de dependência energética. Evoca a figura de Bruno Latour, seu amigo pessoal para quem dedicou o livro, falecido há alguns meses, para lançar mão de ideias como nosso comportamento de extraterrestres que seguem em frente após saquear o planeta, tal como de uma espécie de nova luta de classes entre os incendiários e os “leninistas verdes” – os ecologistas radicais, para os quais é um imperativo abandonarmos os combustíveis fósseis imediatamente. Conclui com a conclamação: bombeiros de todos os países, contenham os incêndios, aludindo a uma notória frase do *Manifesto Comunista* (proletários do mundo todo, uni-vos).

Agora que já percorremos a organização do livro e temos uma noção acerca do que aborda cada um de seus capítulos, é oportuno refletirmos sobre algumas questões que lhe são específicas, iniciando pelo conceito de sustentabilidade. Diante de uma economia global apoiada em uma exploração dos recursos naturais levada muito além da capacidade de sua regeneração, há alguns anos temos buscado na esperançosa palavra sustentabilidade um alento para as sérias implicações dessa dinâmica econômica. Não obstante, Sloterdijk chama a atenção para o fato de que a exploração de energia fóssil, processo que está intimamente articulado com o Antropoceno, está fora dos raios de ação de um manejo sustentável. Ainda que a sustentabilidade tenha seu simbolismo e desperte uma simpatia, a exploração de petróleo e gás, por exemplo, não pode obedecer a nenhuma lógica regenerativa.

Ademais, quando tratamos amiúde de questões ambientais (ou ecológicas se preferir), sobretudo após a desastrosa política ambiental da gestão de Jair Bolsonaro no Brasil, é evocado o imaginário da Floresta Amazônica. Talvez não seja exagerado propor o neologismo silvo-centrismo, uma perspectiva centrada na floresta, para designar a floresta amazônica como *locus* das preocupações ecológicas em nível global. Destarte, Sloterdijk é feliz quando retoma em seu livro a expressão “floresta subterrânea”, de Rolf Peter Sieferle (2010). Essa expressão alude ao carvão e aos combustíveis fósseis. Não significa que a predatória derrubada da floresta para extração de madeira, para abrir vastas áreas de criação de gado, bem como para a exploração das mineradoras e do garimpo ilegal seja superestimada. Contudo, o silvo-centrismo não pode colocar à margem a exploração dos combustíveis fósseis, principal responsável por nossa

transição para o Antropoceno. Repito: por em evidência a “floresta subterrânea” não quer dizer que a “floresta da superfície” não deva ser fonte de preocupação e objeto de esforços de preservação; significa que, junto com ela, lidar com a “floresta subterrânea” é uma questão também central. Isso auxilia na compreensão da hipocrisia de países que destinam cifras milionárias para o Fundo Amazônia, ao passo que são os principais alimentadores da dependência global dos combustíveis fósseis.

Leitores preocupados com a catástrofe climática e com os efeitos do aquecimento global a caminho não podem negligenciar as reflexões presentes nesse livro. É possível haurir desse livro pensamentos inovadores acerca de nossa situação climática e proposições para lidar com essa situação. Sem dúvida, ele deveria ser traduzido do alemão o quando antes, estudado e debatido. No final do ano passado, seu conteúdo, ainda em formato de conferências, foi objeto de amplos debates em eventos ocorridos na Europa. O livro *Die Reue des Prometheus (O Arrependimento de Prometeu)* encontra seu impulso originário nessas conferências. Desde sua publicação, ele tem auferido relevantes discussões em eventos e nos meios de comunicação europeus. Certamente, o livro tem potencial para ser perfilado com as obras mais referidas pela literatura ecológica contemporânea.

REFERÊNCIAS

CHARBONNIER, Pierre. *Affluence and freedom: An environmental history of political ideas*. Cambridge: Polity Press, 2021, 328p.

PETER SLOTERDIJK UND DAS GLÜCK. Entrevistado: Peter Sloterdijk. Entrevistadora: Maike van den Boom. [S. l.]: Local: Maike van den Boom, 22 fev. 2023. Podcast. Disponível em: <https://maikevandenboom.de/peter-sloterdijk-und-das-glueck/?fbclid=IwAR1VzidnLqhboKXDi5poJqb7aDjEJYyDCpin27yFIZ8YVb80ZZkrbDCGjCY>>. Acesso em: 20 de abril de 2023.

SIEFERLE, Rolf Peter. *The subterranean forest: Energy systems and the Industrial Revolution*. Cambridge: White Horse Press, 2001.

SLOTERDIJK, Peter. *Die Reue des Prometheus: Von der Gabe des Feuers zur globalen Brandstiftung*. Berlim: Surkamp, 2023, 80p.



*Die Reue des Prometheus: Von der Gabe des Feuers zur
globalen Brandstiftung*
(Resenha)
NETO, G. B.

Informações complementares:

Recebido em: 26 de abril de 2023

Aprovado em: 08 de junho de 2023

Publicado em: 25 de junho de 2023